



Director literario:

*António de Almeida*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

*Edward Collyer*  
PAPUSSE

## INCHACO POR ESQUECIMENTO



Cinco-reizinhos de gente,  
distraindo, atarantado,  
reparou, subitamente,  
que tinha o seu pé inchado.



Qual pardal f'rido na asa,  
sentindo o seu pé doente,  
intrigado, volta a casa  
Cinco-reizinhos de gente,



D. Eufémia, sua esposa,  
que suas meias cozia,  
presentiu que qualquer coisa  
de muito grave o trazia.

Vendo-o entrar bastante côxo,  
dá mil voltas á ideia,  
fá-lo sentar sobre um môcho,  
tira-lhe a bota e a meia.

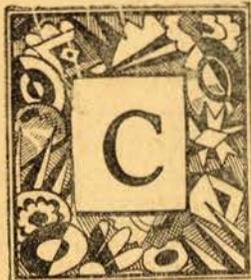


Entretanto, grita; — « mau,  
é que esqueceu-me, outro dia,  
de tirar o ovo de páu  
com que as meias te cozia!

# A GARRAFA

POR ALFREDO RENE FRAGA

Desenhos de EDUARDO MALTA



**C**AMINHANDO um dia em direcção a uma praia, conhecida por Venturosa, encontrou por sobre a areia, em determinada ocasião, uma garrafa, um homem que conhecera já todos os regalos e gosos da existência e que, de um momento para o outro, se vira lançado na mais extrema

das misérias e aflições.

A' primeira vista nada tinha de anormal—quando examinada,—todavia olhada com maior e perspicaz atenção, o seu interior oferecia determinados caracteres, duma escrita desconhecida e bizarra.

No entanto, o achador não ligou na ocasião, grande importância ao que observára, apesar de ter recebido, na sua infância, rasoável instrução e conselhos a recomendarem-lhe que todos os objectos possuíam a sua utilidade, na devida altura.

O sol esbrazava, sentia-se sufocar, pelo que entrou numa barraca de madeira, pertença de ba-

nhistas, mas acidentalmente abandonada, a fim de se abrigar do excessivo calor e repousar.

Ali, sentado, pensando talvez na sua angustiada situação, sem família a quem recorrer, sem pão com que mitigasse a fome que o consumia e sem possibilidades do mais comedido conforto, lembrou-se, para espairecer o pensamento, de examinar a garrafa, qual não sendo o seu espanto, ao reconhecer na sibilina escrita, aproximadas figuras da usada no antigo Egipto.

Então, com humana paciência, pôs-se com um pequeno lápis, (sua única riqueza) a comparar num papel que achara, todas as figuras que via, ligando-as habilmente entre, si depois de juntar, a traços geométricos, os desenhos de animais e as linhas estranhas e aparentemente absurdas.

Graças, pois, à sua tenacidade, à perseverança no estudo e à força de vontade em resolver o que considerára um enigma, triunfára e que triunfo! conseguindo em breve a opulência e a grandesa perdidas.

Ergueu-se, portanto, num ímpeto, e, febril cheio de anciedade e esperança, encaminhou-se a passos largos para a cidade de Licélia, onde resi-





dia a criatura mais rica do Universo, a mais benéfica e, no fundo, a mais infelicitada.

Chegado lá, entrou imediatamente, porquanto, nessa cidade, todos os homens eram bons e correctos, (não existindo quem cobiçasse o alheio, quem desejasse o mal do próximo nem tão pouco porteiros que retivessem quem quer que fôsse), depressa se vendo junto de Angustionolfe, muito conhecido, repito, pela sua benemerência, humanidade e melancolia.

Este, ao encarar o mendigo, reconheceu nele um antigo amigo, expulso de sua casa, numa hora treme e amarga, e repudiado por todos por ter encantado dentro de uma garrafa, diziam, uma filha, filha única, seu enlevo e arroubo e que Ostronostro, o pobre, no entanto, encontrára, trazendo decifrado todo o mistério e, conseqüentemente, o direito à sua reabilitação e fortuna. E antes que Augustionolfe falasse, o mendigo, disse-lhe, numa voz repassada de sentimento e perdão: «Fui odiado, escarnecido, esbulhado de quanto me pertencia e acusado, injustamente, dum crime que nunca pratiquei. Todavia o segredo de quem o cometeu e a forma de dar vida à vossa filha estremecida, trago-o eu nesta garrafa que vos pertenceu e encontrei, por mero acaso, na praia Venturosa.

«Como assim,—declarou aquele com espanto— pois não fostes vós o autor da façanha que me há enchido de luto o coração?»

— Não, não fui, e a prova, a mais preciosa e verdadeira, vou dar-vo-la (in-continente) e, arremessando a garrafa ao chão, após haver proferido determinadas palavras, no lugar onde ela se quebrára com fragor, surge Raqueliana, que, correndo, pressurosa para seu pai, o abraçou com infinita ternura, cingindo-o ao peito, alvoroçada e frenética.

Finalizadas essas expansões affectuosas, ela, serena e meiga, explicou como sua própria mãe a encantara, só por Ostronostro, a quem devia sua aparição, não ter anuído aos galanteios e propostas dela, provocando, então, pouco antes de se matar, a tragédia que os infelicitara e a quem, como recompensa a tantas desditas, ofertava a sua mão de esposa, imediata e gentilmente aceita por ele.

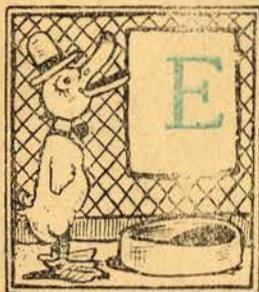
Assim, uma garrafa, que outrem despresaria ou quebraria — por nada oferecer de vantajoso para o seu possuidor, tornou venturoso um pai (pungido e aflito), feliz um ser a quem a desgraça ferira traiçoeiramente e ditosa uma menina há muito tempo chorada e desaparecida.

# ERA UMA VEZ...

## A FELICIDADE DE ALFREDO

Por ERMELINDA MARTINS PEREIRA

Desenhos de EDUARDO MALTA



XISTIA, num longínquo país, uma miserável choupana que servia de habitação a uma velha muito má—a tia Francisca,—como lhe chamavam.

Esta velha tinha, apenas, como companheiro, um neto chamado Alfredo, de oito anos. Ora como a tia Francisca tratava muito mal o neto, este resolveu ir correr mundo, para fugir do convívio da avó.

Como tinha só oito anos, tomou a resolução de servir de companhia à avó até aos doze.

Passaram-se três anos e Alfredo era já um rapagão, embora tivesse só onze. A tia Francisca ainda o tratava pior do que dantes.

Obrigava-o a levantar-se muito cedo, acender o lume, varrer a casa, e ir ao mato próximo buscar lenha, tudo isto antes dela acordar, e se acordasse e o Alfredo não tivesse já feito este «servicinho»—como ela dizia—rea uma sova certa.

Um dia, próximo dos seus doze anos, Alfredo acordou, e, em sobresalto, viu que já o sol entrava na choupana.

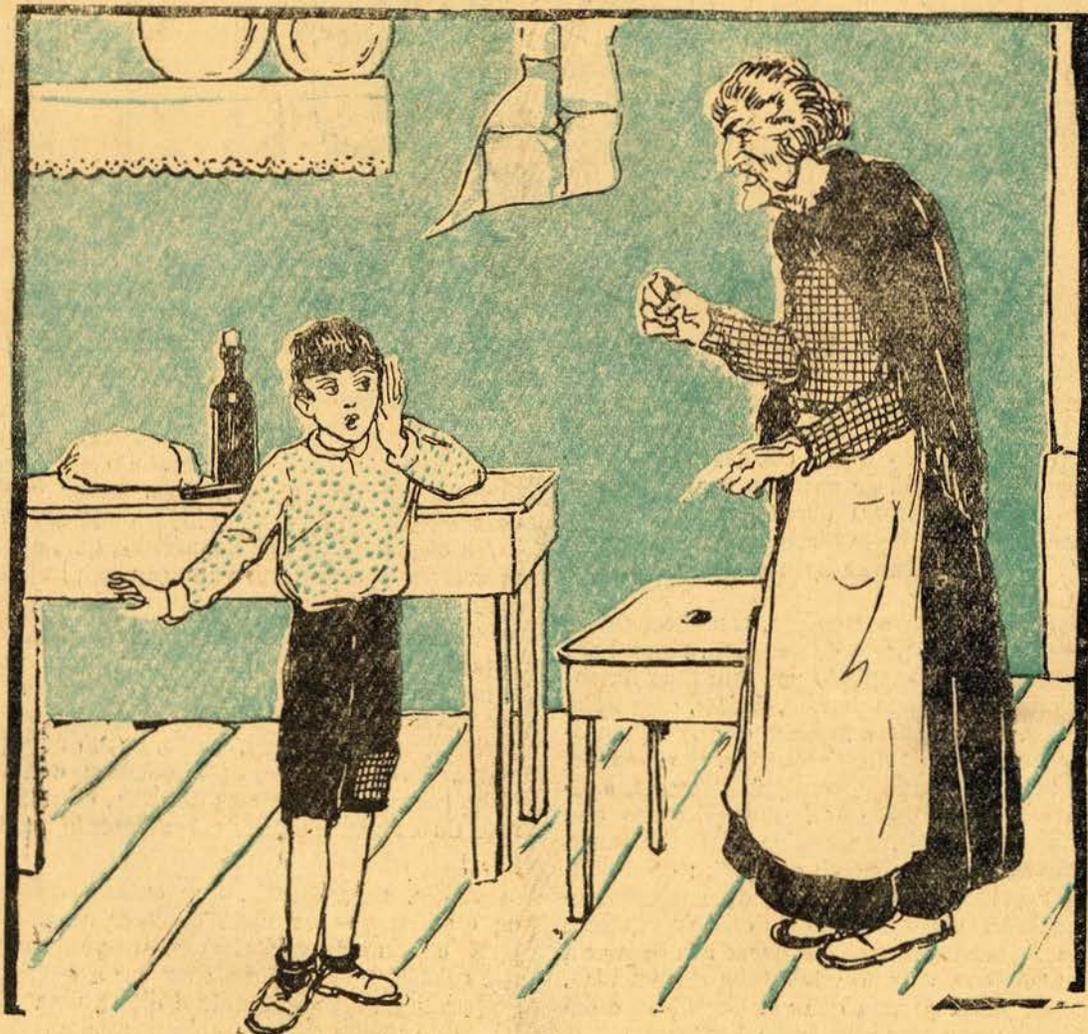
O semblante, porém, alegrou-se-lhe, quando reparou que a avó ainda dormia. Levantou-se em silêncio e dirigiu-se para onde estavam as pedras que serviam de fogão.

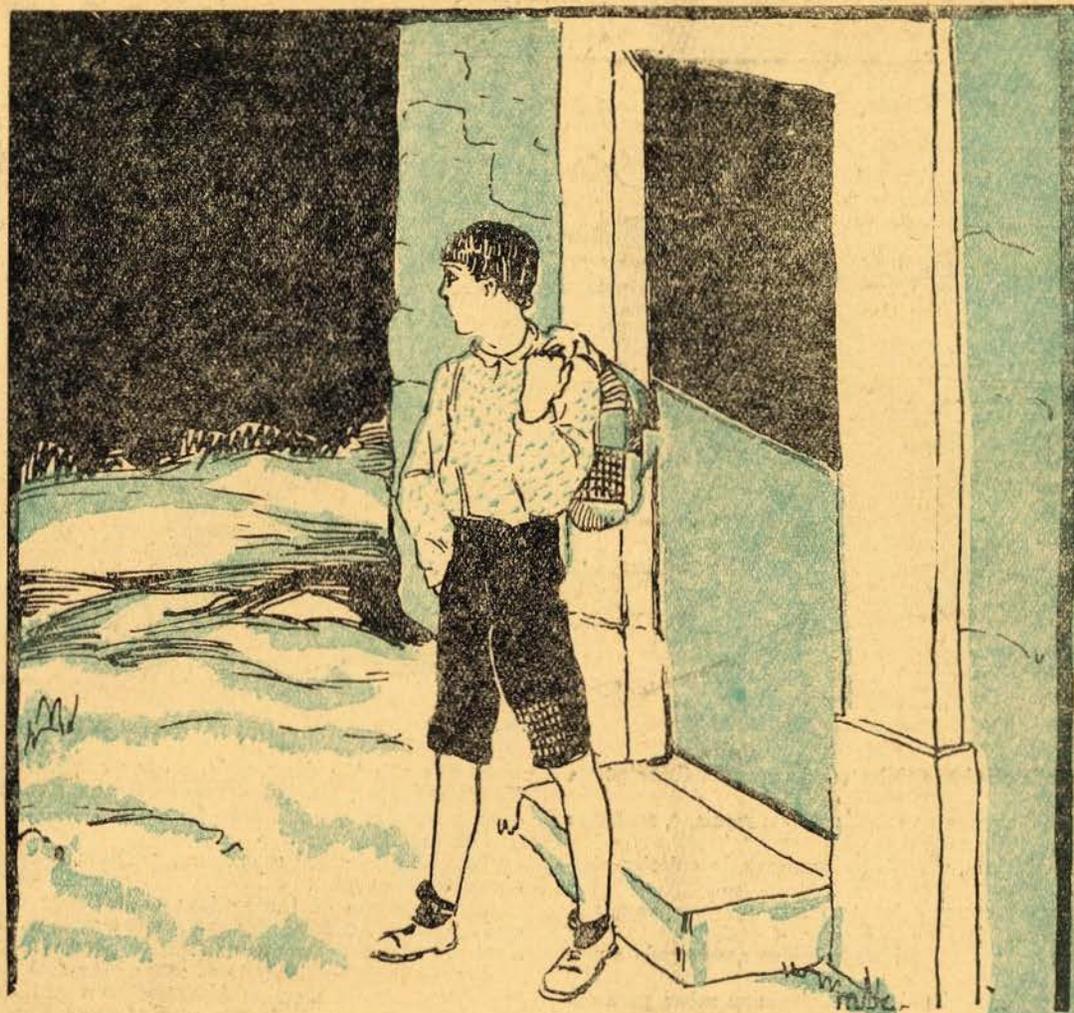
Estava êle pondo papéis no improvisado fogão, quando sentiu um leve rumor na choupana. Voltou-se, e amedrontado, reparou que a avó se dirigia ao seu encontro.

— Um ai, de surpresa, safu dos lábios de Alfredo.

A tia Francisca, assim que o alcançou, agarrou-lhe com tanta força num braço, que êle foi obrigado a soltar outro ai, mas êste de dor.

— Malandro! — disse-lhe a avó — ¿ Então, ainda nem o lume acendeste?





Deixa estar que eu te ensinarei a ser pontual! E avarando na vassoura com que o neto varria a choupana, dei-lhe tanta pancada com ela, que Al redo se viu obrigado a ficar de cama tódo esse dia e ainda o seguinte.

Enquanto permaneceu deitado, Alfredo pensou na maneira como dali fugiria.

Se pedisse à avó para ir correr mundo, ela negava-lho, com certeza.

Decidiu então o seguinte:

Minha avó deixa sempre a chave na porta, o que é para mim uma grande vantagem.

Sob qualquer pretexto tiro tóda a minha roupa da arca e meto-a num sacco grande.

Tiro-lhe um pão, meto-o também no sacco, e de noite safo-me.

Foi o que fez.

Assim que se levantou, disse à avó que tinha a roupa muito suja e que, portanto, precisava mudá-la.

A avó respondeu-lhe o que êle desejava por resposta.

— Vai buscar debaixo do meu travesseiro, a chave da arca, e tira de lá a tua roupa lavada.

— Assim fez o pequeno Alfredo, mas tirou também o sacco que lhe pareceu melhor. Levou tudo para a sua cama, e lá deixou o sacco oculto na roupa, para que a avó o não visse.

Chegou a noite, e a avó deitou-se antes de Alfredo, e adormeceu.

Alfredo foi buscar um pão e meteu-o no sacco da roupa. Ia a dirigir-se para a porta, quando lhe pareceu ouvir barulho. Foi vêr do que se tratava, e deparou com a avó sentada na cama.

Que fazes tu ainda de pé?!

Alfredo viu-se atrapalhado para responder, mas lá se tirou de embaraços, dizendo que tinha ido ao rio tomar banho, para, no dia seguinte, não interromper o serviço.

— Bem! Vai depressinha para a cama e pouco barulho, senão...

— A outro qualquer fugiria o ânimo, mas Alfredo era muito esperto, e não desanimava por tão pouco.

Foi para a cama e esperou que a avó adormecesse para de novo fugir.

Ao cabo de pouco tempo, a avó adormeceu, e Alfredo levantou-se com a precaução necessária para a não acordar. Dirigiu-se para a porta e pôs um pé na estrada. Respirou profundamente o ar da liberdade há tanto tempo desejada.

Estava tudo imerso em profunda escuridão, e o nosso herói a custo se orientou.

Pão, em casa da avó nem sempre existia, e, agora que se considerava feliz, pensava em trabalhar muito, para o ter tódos os dias.

A ansia de liberdade fez com que Alfredo gostasse das trevas.

Se estivesse claro, podiam conhecê-lo e dar notícias suas à avó, mas assim... Ao cabo de algum tempo acostumou-se à escuridão, e seguiu pela estrada, sem olhar para trás.

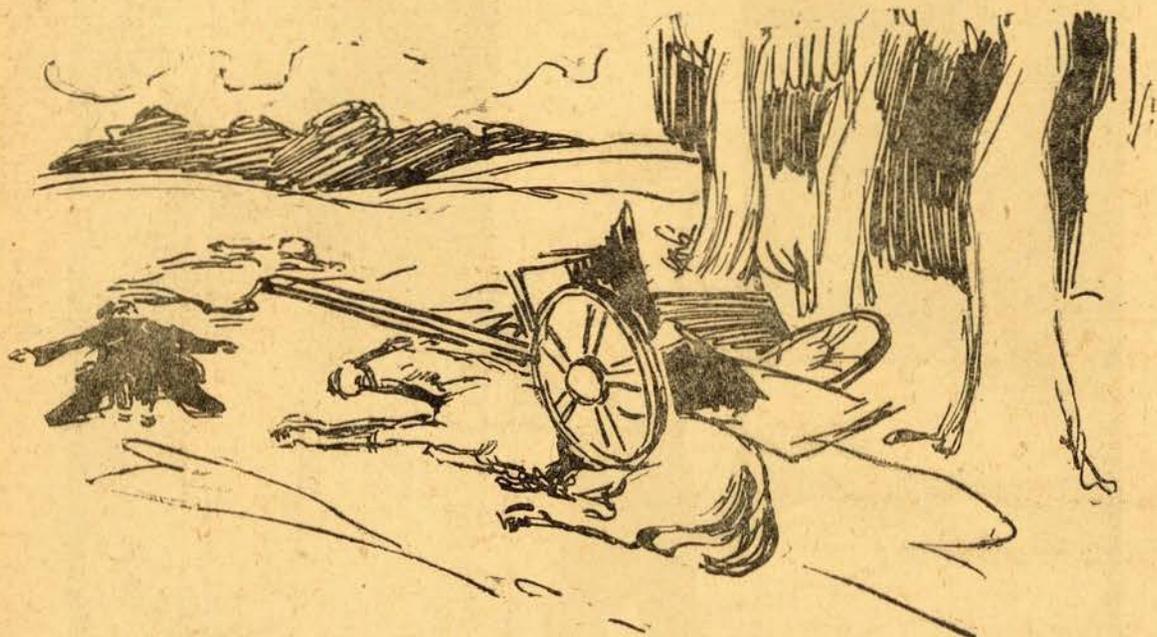
Sou livre!... eis o alegre pensamento de Alfredo.

Na sua idade, decerto nenhum outro rapaz teria sofrido tantos maus tratos e privações.

Em casa de sua avó tinha um leito, mas na rua...

Foi a primeira coisa de que Alfredo notou a falta. Fatigado, quando chegou à aldeia, viu-se obrigado a dormir num campo semeado de trigo.

A terra, fria como estava, não o deixou dormir muito



tempo e ainda o sol não tinha raiado, quando êle se pôs a caminho.

Ao meio dia parou na estrada em que seguia, e, sentou-se numa lage.

A fome apertava, e portanto precisava de entreter o estômago.

Decidiu-se a comer e tirou do sacco o negro pão que já tinha três dias.

Emfim! o seu débil estômago estava acostumado a pior ainda.

Comeu, pondo-se depois a caminho, sem saber para onde ia.

Tinha dado poucos passos, quando deparou na estrada uma scêna horrorosa. Um cavallo por terra com a barriga ensangüentada.

Um trem, com uma das rodas partidas, estava em cima do cavallo. Ao lado jaziam três pessoas.

O cocheiro, que era o menos contuso, estava a uns seis metros do trem.

As outras pessoas eram a viscondessa de Omar e uma menina, sua filha Rosa, que o próprio nome indicava ser bela.

O cocheiro ergueu-se, e reparando em Alfredo, pediu-lhe auxilio, que êste prestou com júbilo, porque era a primeira vez que trabalhava para estranhos, e, com um fim humanitário: — o de salvar duas vidas.

A viscondessa de Omar, vivia com sua filha no palácio de Omar, palácio rico e cheio de conforto.

Considerados fidalgos, viviam só para gosar dos seus bens.

A fortuna não os fazia avaros, pois sempre que viam algum desgraçado mendigo, davam-lhe pelo menos o pão dum dia. Alfredo teve a sorte de deparar com tão boa gente.

Depois de alguns momentos, êle e o cocheiro conseguiram levantar a viscondessa e Rosa.

Alfredo tirou do sacco uma camisa velhinha, rasgou-a em tiras, e com elas ligou os ferimentos de mãe e filha, depois de os haver limpo da terra que tinham.

Rosa ficou tão encantada com o seu inteligente enfermeiro, que no coração lhe nasceu uma pontinha de amor por Alfredo.

A êste não passaram despercebidos os olhares de Rosa e... amou-a.

Depois de pensados os feridos, o cocheiro pediu a Alfredo que o ajudasse a concertar a roda do trem, mas Rosa não consentiu.

Vá à aldeia chamar um ferreiro! — ordenou ela.

A mãe não lhe disse nada, porque compreendeu que Rosa tinha razão. Alfredo, depois de ter feito curativo tão desinteressadamente, não faria de ferreiro.

Pensava ela:

Ninguém lhe pagou os serviços, portanto, êle não tem obrigação de os fazer.

A viscondessa de Omar estava muito longe de pensar que sua filha e Alfredo se amavam, e que o amor de Rosa era a melhor paga dos serviços dêste.

Depois de concertado o trem, mãe e filha convidaram, a um tempo, Alfredo, a que se instalasse no veiculo. Alfredo subiu para o trem, e, atrás dêle, viscondessa e Rosa. O veiculo pôs-se em andamento em direcção a Omar.

Pouco tempo a viscondessa permaneceu calada. Rompendo o mutismo de tôdos, perguntou quem era Alfredo, donde vinha e para onde ia.

Este disse que se chamava Alfredo da Cunha, era órfão de pai e mãe, e o resto já descrito.

A viscondessa de Omar, comovida com a trágica descrição de Alfredo, e, vendo que êle era inteligente e bom, perguntou-lhe num tom amigavel, de carinhosa mãe:

— E tu gostavas de ir para uma escola, aprender?

— Oh! É essa a minha maior ambição!... mas... não passo de um mendigo.

Desde esta hora em diante, serás rico e feliz! — lhe respondeu a viscondessa.

— Como, se nada possuo!?...

— Nada possues? Tudo o que me pertence repartirei contigo. O meu pão será o teu! A minha casa será a tua!

— Que mais queres?

A bôca não respondeu mas se o coração falasse... oh! que doce pedido êle faria.

Alfredo não poude evitar que a mão lhe apertasse o peito, mesmo sobre o coração, gesto que Rosa notou.

Sua mãe também compreendeu o embaraço e o gesto de Alfredo, e, olhando para Rosa, viu-a córar e compreendeu que se amavam. Ali mesmo abençoou os dois namorados.

Passaram-se cinco anos; Alfredo era já um instruido e elegante rapaz. O seu amor por Rosa era ainda mais crescente.

Tinha então 17 anos, idade em que se deveria realizar o seu casamento com Rosa de Omar.

A mãe de Rosa seria madrinha e abençoá-los-ia nêsse dia de felicidade.

O ano correu veloz. Chegou, enfim, o dia matrimonial. Na capela do palácio de Omar um padre uniu para sempre as almas dos dois noivos, que já estavam unidos pelo coração.

# HORA DE RECREIO

# ADIVINHA

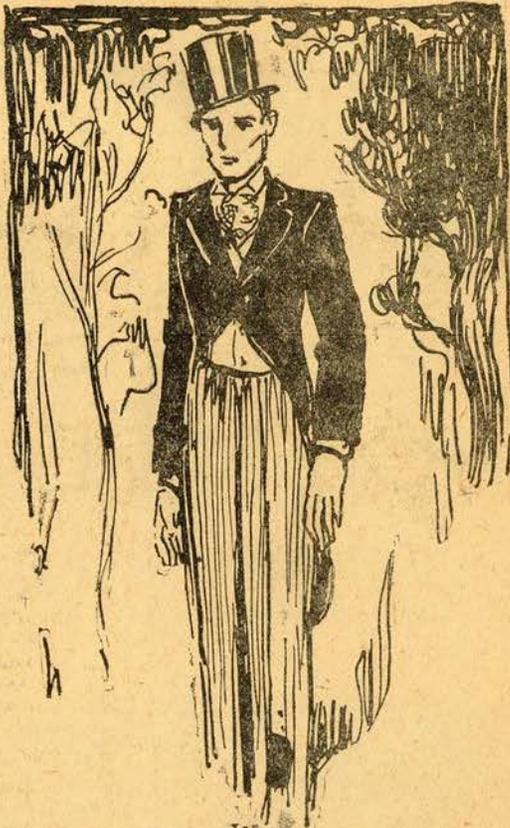
## ADIVINHAS

### A DIREITO:

Não se apalpa, não se come nem tem côr  
 Não se vê, não tem gosto  
 Mas deleita  
 É verdade, sim senhor

### A'S AVESSAS:

Já se apalpa, já se come e côr já tem,  
 Já se vê, já tem gosto  
 E nos deleita,  
 E' verdade e sabe bem



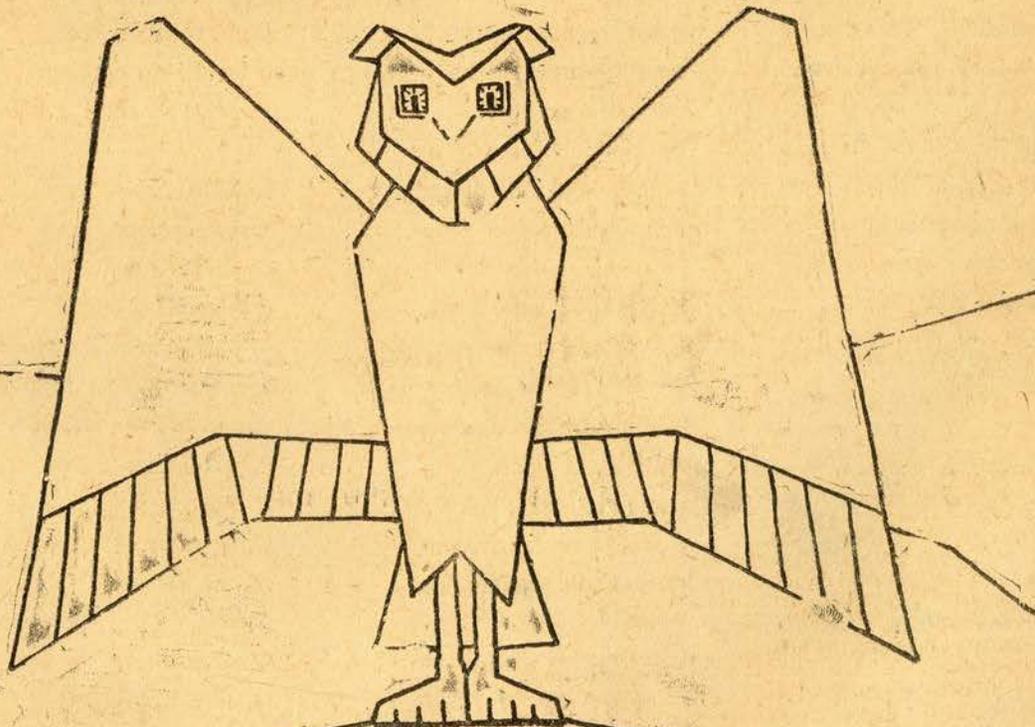
### Solução do Enigma Pitorêsko

Papagaio loiro  
 De bico doirado  
 Leva-me esta carta  
 Ao meu namorado.

A. N.

ONDE ESTA A NOIVA DESTE SENHOR?

## PARA OS MENINOS COLORIREM

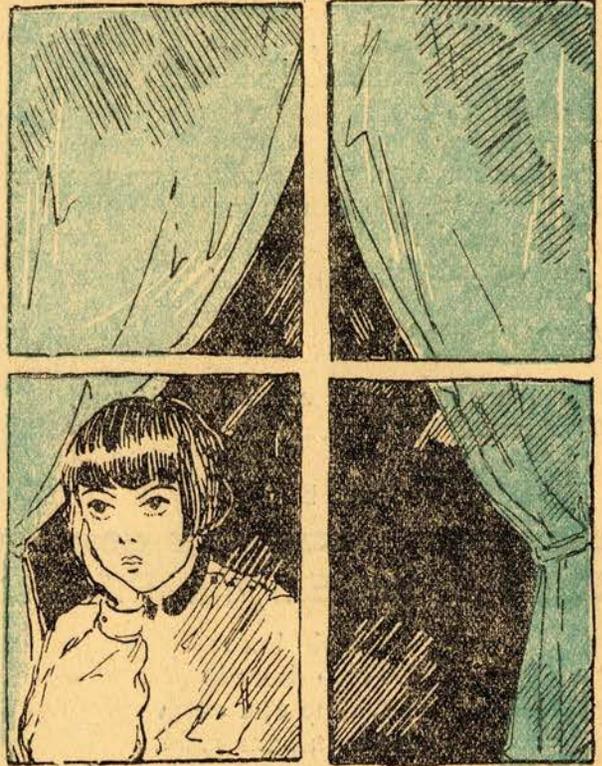


# QUIM-QUIM CON VALES CENTE

■  
P O R

AUGUSTO DE  
SANTA RITA

■



Desenho de EDUARDO MALTA

A' janelinha do quarto,  
— qual passarinho sem asa —  
o pobre Quim-Quim, já farto  
de estar fechadinho em casa,  
olha através da vidraça,  
que a sua respiração  
de quando em quando faz baça,  
a vida que fora passa...  
a graça  
da animação!

Convalescente há dez dias  
de prolongada doença,  
todo entregue às fantasias  
da sua imaginação  
tão vasta, fecunda, imensa,  
Quim-Quim pensa... pensa... pensa...  
nem êle bem sabe em quê!  
Em tudo quanto na praça  
se agita, fervilha, passa...  
em tudo, tudo que vê:  
num papagaio à janela  
de certa casa amarela,

quasi fronteira da sua;  
num gaiatinho da rua  
que atira um pião  
ao chão,  
e que prega um pontapé  
noutro gaiato que, ao pé,  
se fizera refilão;  
numa varina que, á tóa  
e em linda voz de contralto,  
de vez em quando apregôa:  
— «merca a pescada do á-á-alto!...»

Num Ferro-velho  
que arrasta  
o seu reumático artelho,  
conduzindo uma tripeça  
e em fila sôbre a cabeça,  
três chapéus altos de pasta;  
na carrocinha das regas  
que toca, constantemente,  
fazendo fugir, às cegas,  
numa aflição, toda a gente;  
no seu amigo Amadeu  
que joga com o Aleixo,

já de volta do liceu,  
o lindo jôgo do eixo:  
— «eixo... eixo... ribaldeixo!...»

Entanto...  
súbito, o olhar  
de Quim-Quim tólda-se em pranto  
e principia a chorar:  
— quer ir brincar para a rua,  
afirmando, aito e bom som,  
que não está convalescente  
porque se sente  
já bom!  
Que, se em casa continua,  
cai, novamente,  
doente!  
Quer respirar,  
falta-lhe o ar;  
quere ir saltar,  
ir pular,  
quere ir brincar para a rua!



F I M

